

# *Ladrões de elite*



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Ally Carter

# *Ladrones de elite*



*Para minha família*



## CAPÍTULO 1

Ninguém sabia ao certo quando os problemas na Escola Colgan começaram. Alguns membros da associação de ex-alunos botavam a culpa na decisão de admitir garotas no colégio. Outros mencionavam o liberalismo moderno e um declínio generalizado no respeito pelos mais velhos. Mas, independentemente da teoria, era inegável que, de uns tempos para cá, a vida na escola estava diferente.

É claro que as instalações continuavam impecáveis. E que, como sempre, 75% dos alunos do último ano já estavam a meio caminho de serem aceitos com antecedência nas melhores universidades do país. Fotos de presidentes, senadores e diretores executivos ainda cobriam os lambris de madeira do corredor que levava ao gabinete do diretor.

Nos velhos tempos, porém, ninguém desistiria de uma vaga na Colgan um dia antes do começo do ano letivo, forçando a administração a encontrar um novo aluno às pressas. Antigamente, existiria uma fila de espera quilométrica para qualquer vaga que surgisse, mas este ano, por algum motivo, apenas uma candidata se mostrou disposta a se matricular tão em cima da hora.

Houve um tempo em que a honra significava alguma coisa na Escola Colgan, em que seu patrimônio era respeitado e o corpo docente, reverenciado – e em que o conservadíssimo Porsche Speedster ano 1958 do diretor *jamais* acabaria na fonte do pátio, com a água jorrando dos faróis, num fim de tarde extraordinariamente quente de novembro.

E houve um tempo em que a garota responsável por isso, aquela mesma candidata que dera a sorte de conseguir uma vaga de última hora poucos meses antes, teria a decência de admitir o que fez e abandonaria a escola com o rabo entre as pernas. Mas infelizmente essa época, assim como o carro do diretor, já era.

Dois dias após o Porsche-gate – como os alunos passaram a chamar o escândalo, numa alusão ao caso Watergate –, a jovem em questão teve a petulância de ficar sentada no corredor do prédio da administração, sob

o olhar em preto e branco de três senadores, dois presidentes e um juiz da Suprema Corte, de cabeça erguida, como se não tivesse feito nada de errado.

Nesse dia, mais alunos do que o normal apareceram naquele corredor só para dar uma olhada e sussurrar uns para os outros:

– É ela.

– É dela que eu estava falando.

– Como será que a garota fez aquilo?

Qualquer outro aluno teria tremido nas bases por estar tão em evidência, mas, desde que Katarina Bishop colocara os pés na escola, ela havia se mostrado uma espécie de enigma. Alguns diziam que conseguira aquela vaga de última hora por ser filha de um empresário europeu podre de rico que teria feito uma generosa doação para a escola. Outros olhavam para sua postura irretocável e sua autoconfiança, repetiam seu nome de batismo fazendo a língua vibrar e supunham que ela fosse da nobreza russa – uma das remanescentes da família Romanov.

Alguns a chamavam de heroína. Outros, de esquisitona.

Cada um tinha escutado uma história diferente, mas ninguém sabia a verdade: que Kat havia mesmo morado em vários lugares da Europa na infância, mas não era herdeira de nada. Que tinha, sim, um ovo Fabergé, mas não era uma Romanov. A própria Kat poderia ter acrescentado mil boatos a todo esse disse me disse, mas ficou calada, sabendo que a verdade era a única versão em que ninguém acreditaria.

– Katarina? – chamou a secretária do diretor. – O conselho irá recebê-la agora.

Kat se levantou com tranquilidade, mas, enquanto caminhava em direção à porta, que ficava a uns 6 metros de distância, ela conseguia ouvir seus sapatos guincharem e sentir as mãos formigarem. Com os nervos à flor da pele, ela se deu conta de que de alguma maneira, no decorrer dos últimos três meses, havia se tornado uma pessoa que usava sapatos barulhentos.

E de que, gostando ou não, eles iriam denunciar sua aproximação.

\* \* \*

Kat estava habituada a entrar num ambiente e perceber todos os seus ângulos, mas nunca estivera num lugar como aquele na vida.

Embora o corredor lá fora fosse comprido e reto, a sala em que estava era redonda. Ela se viu cercada por madeira escura e notou lâmpadas fracas pendendo do teto baixo. Para Kat, era quase como estar numa caverna, exceto pela janela alta e estreita através da qual um raio de sol se insinuava. De repente, percebeu que estava com os braços estendidos, querendo correr as mãos pelo feixe de luz. Mas então alguém pigarreou, um lápis rolou pela superfície de uma mesa e os sapatos de Kat tornaram a guinchar, trazendo-a de volta à realidade.

– Pode se sentar.

A voz vinha dos fundos da sala e, a princípio, Kat não soube quem havia falado. Como a voz, os rostos diante dela lhe eram estranhos: os 12 à sua direita eram jovens – alunos iguais a ela (até onde isso era possível, tratando-se de estudantes da Colgan). Os outros 12, à sua esquerda, tinham cabelos mais ralos ou uma maquiagem um pouco mais pesada. Porém, independentemente da idade, todos os membros do Conselho de Honra da Escola Colgan ostentavam túnicas pretas idênticas e expressões impassíveis ao observarem Kat se dirigir até o centro do recinto circular.

– Sente-se, Srta. Bishop – disse o diretor Franklin de seu lugar na primeira fila.

Ele parecia mais pálido com aquela túnica preta. Suas bochechas eram gorduchas e seus cabelos, estilosos demais. Kat sentia que ele era o tipo de homem que desejava ser tão rápido e elegante quanto seu carro. E então, apesar das circunstâncias, ela abriu um pequeno sorriso, imaginando o próprio diretor prostrado no meio do pátio, jorrando água pela boca.

Quando Kat se acomodou, o aluno do último ano sentado ao lado do diretor se levantou e anunciou:

– Tem início a sessão do Conselho de Honra da Escola Colgan. – Sua voz ecoava por toda a sala. – Todos os que desejarem falar serão ouvidos. Todos os que desejarem seguir a luz enxergarão. Todos os que desejarem buscar a justiça irão encontrar a verdade. Honra para um... – disse o garoto, fazendo uma pausa, e, antes de Kat poder digerir o que tinha escutado, 24 vozes falaram em coro:

– Honra para todos.



O garoto se sentou e começou a folhear as páginas de um livro velho encadernado em couro até o diretor lhe dar um empurrãozinho:

– Jason...

– Ah. Claro. – Jason ergueu o livro pesado. – O Conselho de Honra da Escola Colgan irá discutir o caso de Katarina Bishop, aluna do segundo ano do ensino médio. O comitê ouvirá depoimentos atestando que, no dia 10 de novembro, a Srta. Bishop, por livre e espontânea vontade... é... *roubou* uma propriedade privada.

Enquanto Jason escolhia suas palavras com cuidado, uma menina na segunda fileira abafou o riso. Ele prosseguiu:

– Ao cometer esse delito às 2 da madrugada, ela também violou o toque de recolher da escola. E destruiu, por livre e espontânea vontade, bens pertencentes à Colgan. – Jason baixou o livro e fez nova pausa (um pouco mais dramática do que o necessário, pensou Kat) antes de acrescentar: – De acordo com nosso código de honra, esses atos são passíveis de expulsão. Você entende as acusações que lhe foram imputadas?

Kat esperou um instante para se certificar de que o conselho de fato queria que ela respondesse antes de dizer:

– Não fui eu.

O diretor Franklin se inclinou para a frente e disse:

– A pergunta, Srta. Bishop, é se você *entendeu* ou não as acusações.

– Eu entendi. – Kat sentiu seus batimentos cardíacos mudarem de ritmo. – Só não concordo com elas.

– Eu... – o diretor recomeçou a falar, mas uma mulher ao seu lado tocou-lhe o braço de leve.

Ela sorriu para Kat enquanto dizia:

– Diretor, até onde me lembro, em casos como esse nós costumamos levar em consideração todo o histórico escolar do aluno. Não seria melhor começarmos avaliando o histórico da Srta. Bishop?

– Hum. – O diretor pareceu baixar um pouco a crista. – Tem razão, Sra. Connors, mas, uma vez que a Srta. Bishop só está conosco há poucos meses, ela não tem histórico algum para ser analisado.

– Ora, mas sem dúvida esta jovem frequentou outras escolas antes – afirmou a Sra. Connors, obrigando Kat a reprimir uma risada nervosa.

– É, já – admitiu o diretor, a contragosto. – É claro. Tentamos entrar em contato com essas escolas, mas houve um incêndio na Trinity que destruiu todo o setor de matrículas da secretaria e a maioria dos registros. E o sistema do Instituto Bern sofreu uma pane terrível no verão passado, de modo que tivemos bastante dificuldade para encontrar... qualquer coisa.

O diretor olhou para Kat como se suspeitasse que as desgraças a seguiam para onde quer que ela fosse. A Sra. Connors, por outro lado, parecia impressionada.

– São duas das melhores escolas da Europa.

– Sim, senhora. Meu pai, ele... faz muitos serviços por lá.

– O que seus pais fazem *mesmo*?

Enquanto Kat tentava localizar a menina que havia levantado a questão na segunda fileira, começou a se perguntar por que a profissão de seus pais era tão relevante. Mas então se lembrou de que a Escola Colgan é o tipo de lugar onde quem são seus pais e o que eles fazem sempre importa.

– Minha mãe morreu quando eu tinha 6 anos.

Algumas pessoas soltaram um pequeno suspiro ao ouvirem isso, mas o diretor Franklin foi em frente.

– E seu pai? – perguntou, recusando-se a permitir que uma mãe convenientemente falecida conquistasse simpatia para Kat. – O que *ele* faz?

– Ele trabalha com arte – limitou-se a responder Kat, cautelosa. – Meu pai faz muitas coisas, mas a especialidade dele é arte.

Diante disso, o chefe do departamento de belas-artes se animou.

– Um colecionador? – perguntou o homem.

Mais uma vez, Kat teve que reprimir o riso.

– Ele lida mais com... *distribuição*.

– Tudo isso é muito interessante – interveio o diretor Franklin –, mas não diz respeito ao assunto em questão.

Kat poderia ter jurado que ele se conteve para não dizer “ao meu carro”.

Ninguém falou nada. O único movimento vinha da poeira dançando nos raios de sol que entravam pela janela. Por fim, o diretor Franklin se inclinou para a frente outra vez e estreitou os olhos. Quando retomou seu discurso, irritado, Kat achou que já tinha visto raios laser menos penetrantes.

– Srta. Bishop, onde estava na noite de 10 de novembro?

– No meu quarto. Estudando.

– Numa sexta à noite? Estudando?

O diretor olhou para os colegas como se essa fosse a mentira mais deslavada que um aluno da Colgan já tivesse ousado contar.

– Bem, a Colgan é uma instituição muito exigente. Eu tenho que estudar.

– E não viu ninguém? – perguntou Jason.

– Não, eu...

– Ah, mas alguém a viu, não foi, Srta. Bishop? – A voz do diretor Franklin era fria e cortante. – Temos câmeras monitorando a propriedade. Não sabia? – perguntou ele com uma risadinha.

É claro que Kat sabia sobre as câmeras. Talvez soubesse mais sobre cada aspecto da segurança da escola do que o próprio diretor, mas não achava que aquele fosse o melhor momento para dizer isso. Havia testemunhas de mais. Coisas de mais em jogo. E, além disso, o diretor já estava exibindo um sorriso triunfante e baixando as luzes com um controle remoto. Kat precisou se virar na cadeira para ver um trecho da parede abaulada deslizando para o lado e revelando uma televisão enorme.

– A jovem na tela se parece bastante com a senhorita, não acha?

Ao assistir ao vídeo em preto e branco de baixa resolução, ela reconheceu o pátio, é claro, mas não a pessoa que o atravessava vestindo um blusão preto com capuz.

– Essa não sou eu.

– Mas as portas do dormitório só foram abertas uma vez naquela noite, às 2h27, com este cartão de identificação.

Kat sentiu um nó no estômago quando a pior fotografia que ela havia tirado na vida surgiu na tela.

– Este cartão é seu, não é, Srta. Bishop?

– Sim, mas...

– E isto aqui – continuou o diretor Franklin, apanhando algo debaixo de sua cadeira – foi encontrado durante uma busca em seus aposentos.

A placa de carro personalizada, COLGAN-1, pareceu reluzir quando ele a ergueu sobre a cabeça.

Kat teve a impressão de que todo o ar havia sido sugado da sala mal iluminada à medida que uma sensação estranha a invadia. Afinal, ela

sabia muito bem lidar com uma *acusação*, mas não com uma *acusação falsa*.

– Katarina? – perguntou a Sra. Connors, como se estivesse implorando para Kat provar que eles estavam enganados.

– Sei que tudo isso *parece* um conjunto de provas contundentes – argumentou Kat, sua mente trabalhando a todo vapor. – Mas vocês não acham que existem provas *de mais* aqui? Será que eu usaria mesmo meu próprio cartão se fosse fazer isso?

– Então o fato de existirem provas de que você *é* culpada deveria provar que você *não é*? – perguntou a Sra. Connors, parecendo incrédula também.

– Bem – disse Kat –, eu não sou burra.

O diretor soltou uma risada.

– Ah, então está bem. Como *a senhorita* teria feito?

Ele estava zombando dela, provocando-a, mas Kat não pôde deixar de pensar sobre a resposta:

*Tem um atalho pelos fundos do edifício Warren que é mais perto, mais escuro e sem câmeras de vigilância...*

*As portas não precisariam ser abertas por um cartão. Bastaria usar chiclete para tapar o sensor na saída...*

*Se eu quisesse pregar uma peça desse tipo, não iria escolher logo um dia em que os funcionários da manutenção estariam acordados bem antes dos alunos...*

O diretor abriu um sorriso convencido, saboreando o silêncio dela, como se fosse o homem mais inteligente do mundo.

Mas Kat já sabia que as pessoas da Colgan também erravam – como na vez que seu professor de italiano disse que o sotaque dela sempre chamaria atenção nas ruas de Roma (embora Kat já tivesse se passado por uma freira franciscana durante um serviço especialmente difícil na Cidade do Vaticano). Ela pensou também em como sua professora de história da arte havia bancado a boba ao ficar poetizando sobre ver a *Mona Lisa* ao vivo (quando Kat sabia que o original do Louvre tinha sido substituído por uma falsificação em 1862).

Kat tinha aprendido muitas coisas antes de se matricular naquela escola, mas sua maior certeza era a de que, num lugar como *aquele*, ela jamais poderia compartilhar seu conhecimento.

– Não sei como é na Trinity, no Instituto Bern nem em qualquer uma dessas escolas *européias*, mocinha, mas aqui na Colgan nós obedecemos às regras. – O punho do diretor esmurrou a mesa. – Nós respeitamos a propriedade alheia. Seguimos o código de honra desta instituição e as leis deste país.

Kat sabia muito bem o que era honra. Ela havia crescido com um sistema de regras especial. A primeira regra da família de Katarina Bishop era simples: não seja pego.

– Katarina – disse a Sra. Connors –, você tem algo a acrescentar que possa explicar isso?

Kat poderia ter dito: *Essa não sou eu* ou *Deve haver algum engano*. Se aquele fosse um golpe como outro qualquer, ela poderia ter se safado na base da mentira sem pensar duas vezes. Mas contar a verdade? Não. Nisso ela não era nada boa.

O cartão de identificação de Kat havia sido clonado. A placa do carro fora plantada em seu quarto. Alguém tinha se vestido igual a ela e feito questão de ser filmado pelas câmeras.

Kat fora vítima de uma armação. E ela não ousou dizer o que estava pensando: os responsáveis – seja lá quem fossem – eram muito bons.

\* \* \*

Em 20 minutos, Kat já estava de malas prontas. Ela poderia ter demorado mais, se despedido das pessoas, mas não havia de quem se despedir. E assim, depois de três meses na Escola Colgan, Kat se perguntou se o dia em que ela foi expulsa do internato acabaria se tornando o momento de maior orgulho do longo e espetacular passado de sua família. Visualizou todos eles sentados ao redor da mesa da cozinha do tio Eddie anos depois, contando sobre a época em que a pequena Katarina roubou uma vida totalmente diferente para si mesma e depois sumiu sem deixar vestígios.

Bem, quase sem deixar vestígios, pensou Kat enquanto carregava sua bagagem pelo gramado que um dia fora perfeito. Ainda dava para ver os sulcos feitos pelos pneus que iam e vinham da fonte dilapidada no centro do pátio: um lembrete lamacento que certamente duraria até a primavera.

Kat ouviu risadas atrás dela e se virou. Um grupo de meninos do oita-

vo ano estava reunido ali, sussurrando, até que um deles teve peito de se separar dos demais.

– Oi... – ele começou a falar, olhando para trás na direção dos amigos, reunindo coragem. – A gente estava tentando adivinhar... é... Como você conseguiu fazer isso?

Uma limusine cruzou os portões ornamentados e parou no acostamento. O porta-malas se abriu. Enquanto o motorista pegava sua bagagem, Kat olhou para os meninos e então de volta para a escola uma última vez.

– *Essa*, sim, é uma ótima pergunta – respondeu.

O sinal tocou. Alunos atravessaram o pátio às pressas, a caminho da sala de aula. Enquanto se sentava no banco de trás da limusine, Kat se sentiu um pouco triste, ou tão triste quanto é possível se sentir ao perder algo que nunca foi seu. Ela se recostou e deu um suspiro.

– Bem, acho que é o fim.

E poderia ter sido, se outra voz não houvesse dito:

– Na verdade, é só o começo.

## CAPÍTULO 2

Kat levou um susto. Na penumbra, não havia percebido o vulto sentado na outra ponta do banco da limusine, sorrindo para ela.

– Hale? – perguntou, como se o garoto pudesse ser um impostor. E então uma questão muito diferente lhe veio à cabeça. – Hale, o que você está fazendo aqui?

– Achei que fosse precisar de uma carona.

– A secretária do diretor pediu um carro para mim.

Ele deu de ombros com indiferença, mas achando graça da situação.

– E aqui estou eu num submarino.

Quando o veículo contornou o acesso circular da escola, Hale se virou e olhou pela janela. Kat o observou analisar a propriedade com um leve sorriso nos lábios, como se não houvesse nenhum lugar no mundo em que ele realmente precisasse estar. Kat às vezes se perguntava se esse tipo de auto-

## CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

*Queda de gigantes*, de Ken Follett

*Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim e Cilada*,  
de Harlan Coben

*A cabana*, de William P. Young

*A farsa, A vingança e A traição*, de Christopher Reich

*Água para elefantes*, de Sara Gruen

*O Símbolo Perdido, O Código Da Vinci, Anjos e Demônios, Ponto de  
Impacto e Fortaleza Digital*, de Dan Brown

*Julieta*, de Anne Fortier

*O guardião de memórias*, de Kim Edwards

*O guia do mochileiro das galáxias* ; *O restaurante no fim do universo* ;  
*A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e  
Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

*O nome do vento*, de Patrick Rothfuss

*A passagem*, de Justin Cronin

*A revolta de Atlas*, de Ayn Rand

*A conspiração franciscana*, de John Sack

## INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para receber informações sobre os lançamentos da EDITORA ARQUEIRO, basta cadastrar-se diretamente no site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)

Para saber mais sobre nossos títulos e autores, e enviar seus comentários sobre este livro, visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br) ou mande um e-mail para [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

EDITORA ARQUEIRO  
Rua Clélia, 550 – salas 71 e 73 – Lapa  
05042-000 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4412 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)